

Jutahy vê Nordeste indefinido

9 MAR 1984

Salvador — O Senador Jutahy Magalhães (PDS-BA), um dos coordenadores políticos da candidatura Aureliano Chaves, sustenta que o apoio de seis dos nove Governadores nordestinos ao Ministro Mário Andreazza “de nenhuma maneira significa uma maioria expressiva de votos da região a seu favor, na Convenção do PDS”.

— Não creio que alguém possa pensar nesses termos. Na conjuntura atual, ninguém é dono da vontade e nem do voto dos companheiros; e há um dado importante: pelas informações que temos, nenhum desses governadores está exercendo pressão sobre os convencionais. Isso significa liberdade para decidir e, mesmo onde se procurou escolher para delegados pessoas mais chegadas, haverá certa dificuldade de “transferência” do voto, numa campanha como esta, em que o pensamento dos candidatos deverá influir — afirma ele.

Indecisos

Jutahy Magalhães cita declarações de governadores como José Agripino Maia, do Rio Grande do Norte, Divaldo Suruagy, de Alagoas, e João Durval, da Bahia, de que não pressionarão os convencionais, para mostrar que o Vice-Presidente Aureliano Chaves não encontra no Nordeste barreiras intransponíveis, “mesmo começando com certo atraso, quando certo número de convencionais e lideranças já estariam comprometidos com outros candidatos”.

— Quem prestar atenção verá que existe

um número muito grande de indefinidos na região e neste quadro Aureliano poderá entrar, com possível vantagem, inclusive, se vier a receber o apoio desse contingente. No Ceará, onde o Governador Gonzaga Motta o apóia, o Senador Virgílio Távora ainda não se definiu. Em Sergipe, são muitos os não comprometidos; na Bahia, há alguns; no Rio Grande do Norte, o apoio do ex-Governador Tarcísio Maia, pai do atual Governador, deve significar alguma coisa em número de votos — disse.

Pressões

Jutahy lembra, ainda, o caso de Pernambuco, onde uma possível “união de esforços entre as candidaturas do Senador Marco Maciel e de Aureliano Chaves representaria um apoio altamente expressivo”.

Jutahy Magalhães acha que o processo sucessório “apresenta uma novidade, que é a tentativa e a possibilidade de a opinião pública, a sociedade, fazer uma pressão legítima para determinar o resultado das convenções partidárias que escolherão candidatos a Presidente”.

Aureliano Chaves, assegura o Senador baiano, está fazendo, e vai intensificar, um trabalho paralelo, junto à opinião pública, capaz de suscitar essa pressão “absolutamente legítima” das bases, inclusive no Nordeste, “que não está alheio à crise nacional e que deverá merecer do candidato também uma linguagem específica, fundada na confiabilidade de quem propõe e na exequibilidade das propostas”.